# Mundos Possíveis - 02/05/2014

Gostaríamos de abordar alguns conceitos da filosofia de Leibniz  
esquematicamente, referentes a criação do mundo e a liberdade humana.  
  
   
  
Para Leibniz, no entendimento de Deus existem muitos mundos possíveis, mas Ele  
escolhe o melhor dentre todos. Sendo assim, nosso mundo é contingente porque  
"poderia" ser outro (se Deus quisesse), mas é esse por uma escolha moral de  
Deus. Por trás dessa escolha há uma liberdade que não é arbitrária, mas  
calculada racionalmente e baseada na vontade de Deus.  
  
   
  
Dentro do nosso mundo criado existem leis que podem ser resumidas em: leis  
subalternas e leis universalíssimas, mas também existe a memória humana. De  
novo, essas leis são contingentes porque poderiam estar em outros mundos  
possíveis, mas estão nesse porque Deus é bom e esse é o melhor dos mundos  
possíveis.  
  
   
  
A memória é uma faculdade humana que "automatiza" certas leis naturais, a  
partir dela não precisamos realizar cálculos. Por exemplo, sabemos que o sol  
nasce de manhã e se põe de tarde todos os dias.  
  
   
  
As leis subalternas são as leis naturais, da natureza, da ciência, da física,  
da mecânica. Podem ser calculadas por nós, deduzidas pelo nosso entendimento  
humano. Enfim, o que podemos explicar recorrendo a fórmulas. Por exemplo, que  
a densidade é o quociente entre massa e volume.  
  
   
  
As leis universalíssimas pertencem à ordem das regras de Deus e nelas estão  
contidos os milagres e nossas ações livres. Os milagres estão na ordem das  
leis de Deus e não temos conhecimento suficiente para entendê-los. Da mesma  
forma que as ações livres dos homens, que são imprevisíveis em cada situação.  
Aqui Leibniz não se utiliza de nenhuma moral normativa que poderia  
caracterizar ou "indicar" quais seriam ou deveriam ser nossas escolhas e ações  
(deixemos isso para Kant).  
  
   
  
A partir desse esquema simplificado, encerraremos com duas reflexões acerca  
das nossas ações livres. Uma que se relaciona com nossa liberdade humana e  
outra com a natureza das nossas ações. Se nossas ações livres estão dentro das  
leis universalíssimas, elas estão no entendimento de Deus e podemos  
compreender melhor o significado de nossa liberdade: uma que remete a Deus,  
que está nele, mas também que se serve de nossa vontade.  
  
   
  
Seguindo nesse caminho, podemos dar um segundo passo: se esse mundo é  
contingente, nossas ações livres valem aqui. Mas como elas seriam em outro  
mundo? Podemos pensar em uma ontologia da ação livre. Em outro mundo possível,  
o que poderia mudar na nossa ação livre? Nada? Ela teria o mesmo sentido de  
ser? Seria uma ação livre de escolha dependente da vontade ou poderia haver  
outra ordem de precedência? E mais, poderia haver outro tipo de propriedade ou  
predicado que desconhecemos nesse mundo melhor possível e que poderia nos ser  
atribuído em algum outro?  
  
   
  
Nos outros mundos possíveis a ação livre estaria totalmente com sua causa em  
nós e influenciada por nossos predicados ou essa autonomia poderia ser  
relativizada? São questões que podem nos ajudar a compreender melhor a  
filosofia da criação leibniziana.